

A multiplicidade das línguas, da qual tentei transmitir uma ideia na última conferência, faz com que o enorme rio da língua nos apareça como que dividido em braços. Mas este não é o único aspecto morfológico desse rio. É o aspecto que aparece no corte horizontal desse rio. Podemos entretanto cortá-lo igualmente em sentido vertical. Nesse corte desvendará o rio as suas correntezas. A língua se revelará como formação de muitas camadas. Falei da dificuldade da classificação do rio linguístico e como as diferentes línguas se recusam a serem enquadradas em gavetas preconcebidas. Mesmo a grande divisão em línguas flexionais, aglutinativas e isolantes é arbitrária em certo sentido. Uma língua flexional como o alemão tem certas tendências aglutinativas, como provam as superpalavras que ela é capaz de formar. E o inglês, tão próximo do alemão, tem tendências isolantes, como prova a sílaba "put", cujo significado é quase tão múltiplo e variável quanto o é o significado de uma sílaba mandarina. Mas a dificuldade de uma classificação em sentido horizontal não pára aqui. Qual é o critério a adotar para definir uma língua da outra? É o brasileiro uma língua independente do português e o Schwitserduetsch uma língua independente do alemão? Ou é, pelo contrário, o português um dialeto do castelhano e o holandês um dialeto do alemão? Pois bem, essas dificuldades de classificação são ainda muito mais acentuadas, quando formos considerar a língua em corte vertical. Não obstante, é preciso classificá-la neste sentido, para poder apreciá-la. Consciente dessas dificuldades proponho duas classificações diferentes, uma do ponto de vista existencial, e outra do ponto de vista epistemológico. A classificação existencial que proponho é a seguinte, partindo de baixo para cima: balbuciar, salada de palavras, conversa fiada, converseção, poesia e oração. As três primeiras camadas são banhadas no clima da inautenticidade, as três seguintes no da autenticidade. Relevo a discussão desta classificação para conferências futuras. A classificação epistemológica, a que quero discutir hoje, pode ser proposta, grosso modo, da seguinte maneira, também de baixo para cima: língua coloquial, científica e formal. A camada coloquial é subdivisível em primária e secundária, e a científica em mental, biológica e física, e a formal em matemática e lógica pura. Antes de discutir estas camadas, darei um exemplo muito aproximado, e que mostrará logo a dificuldade inerente nessa classificação. Camada coloquial primária: São Paulo cresce. Camada coloquial secundária: São Paulo é uma cidade. Camada científica mental: São Paulo faz parte da minha experiência. Camada científica biológica: São Paulo é um biótopo aberto. Camada científica física: São Paulo abrange um círculo com um diâmetro de tantos quilômetros. Camada formal matemática: São Paulo é uma das aplicações possíveis do símbolo "a" que aparece na equação proposta. Camada formal da lógica pura: São Paulo é uma palavra que aparece em muitas camadas da língua. Chamo a sua atenção para dois aspectos deste exemplo: Todas as frases propostas contêm a palavra "São Paulo", e em todas essas frases essa palavra tem um significado diferente. Com efeito: as camadas da língua são camadas de significado, e a passagem de uma para outra é um salto de um significado para outro. Este salto é mascarado pela identidade aparente da palavra "São Paulo", o que é fonte de constantes confusões e malentendidos. Para que uma conversação possa ser significativa, é preciso fixar-lhe com antecedência a sua camada, sob pena de degenerarmos em mero barulho, como por exemplo: "São Paulo é maior que o Rio de Janeiro" "Mas o Rio de Janeiro é mais bonito". Sugiro que a enorme maioria da conversa fiada cotidiana, e uma parte apreciável daquilo que chamamos "discussão filosófica" consiste de barulhos deste tipo. E o progresso da ciência é devido, em grande parte, a sua limitação metódica da sua camada de significado.

Consideremos a hierarquia das camadas propostas. Para tanto evoque a definição do conceito "significado" que sugeri em conferências passadas: significado é a síntese entre palavra e estrutura da frase, entre conteúdo e forma. Pois bem: a hierarquia das camadas é resultado de uma progressiva diminuição do papel do conteúdo e um progressivo aumento do papel da forma na formação do significado. A lógica clássica chama esse processo de "abstração", sem se dar conta, conforme creio, de toda a problemática epistemológica, ontológica e existencial, que este termo encerra. Em vez de "abstração", prefiro portanto dizer "tradução vertical", e dedicarei uma grande parte desta conferência a justificação desta

preferência. minha. Consideremos a camada mais baixa, a que chamarei de "língua coloquial primária". Consiste de frases que contêm nomes próprios, como "São Paulo cresce", "gosta de Maria" e "Khruchchov encontra Kennedy". A camada coloquial primária

Esforço de predicar nomes próprios para objetiva-los. O que é o nome próprio? É uma pergunta aparentemente simples, mas realmente realmente a pergunta mais profunda do pensamento refletivo. O nome próprio é o fundamento da língua. É o aspecto linguístico do grito de espanto primordial. A enormidade e o mistério daquilo que é o nome próprio pode ser vislumbrada formalmente pela simples constatação da infinidade do conteúdo do nome próprio. O nome próprio tem uma infinidade de atributos e não pode ser definido dentro da língua. Posso falar eternamente a respeito de São Paulo, de ~~Paulo~~ e de Khruchtchóv, sem jamais exaurir-lhes os atributos. Entretanto, posso fazer uma outra coisa para defini-los. Posso silenciosamente fitar aquilo que São Paulo, ~~Paulo~~ ou Khruchtchóv pretendem significar. Assim o significado do nome próprio ficaria definido. Mas, ao fitar aquilo silenciosamente, perderei o nome próprio que pretendi definir, e cairei no misticismo mudo, embora pedestre. E não somente perderei o nome próprio, mas perderei a mim mesmo. Superarei, nesse fitar silencioso, o abismo que se abriu entre mim e aquilo, pelo grito de espanto, mas o superarei de maneira profundamente insatisfatória e frustrante. Por òre devem bastar estas considerações. Dedicarei uma conferência ao estudo do nome próprio em todo o seu mistério, em sua magia e em sua sacralidade.

(primária)

Repito que a camada da língua coloquial ^(primária) consiste de frases que contêm nomes próprios, e que essas frases procuram predicar êsses nomes afim de objetiva-los. Evidentemente a língua coloquial primária fracassa nessa tentativa. A dúvida primária não consegue eliminar-se, porque os nomes próprios, dos quais dúvida, se recusa sem obstinadamente a serem exauridos por ela. Ai, como que tomada de raiva, a dúvida dá um salto. O pensamento ^(uma) dá cambalhota. A língua muda de camada. O nome próprio é traduzido verticalmente, na esperança de poder ser exaurido em nova camada de significado. Trata-se de uma fuga, mas podemos descrever essa fuga de maneira otimista, dizendo que o pensamento progride, a dúvida avança, a língua se desenvolve. Graças a êsse salto mortal, graças a essa tradução, surge a camada coloquial secundária. Consiste de frases do tipo: São Paulo é uma cidade, ~~Paulo~~ é um rapaz, e Khruchtchóv é o Secretário Geral do Partido Comunista. O que aconteceu? O nome próprio continua figurando na frase, mas o esforço predicativo que a língua empreende a seu respeito mudou de rumo. Aponta para dentro do tecido da língua, e não mais para fóra. Procura digerir o nome próprio, submetendo-o a um nome geral. O nome próprio aparece, nessa camada, como membro de uma classe. São Paulo é um caso particular de cidade, ~~Paulo~~ um caso especial de rapaz, Khruchtchóv um caso especial de secretário, embora, no último exemplo, se trate de um caso muito especial. O salto que o pensamento deu para alcançar esta camada é enorme e a especulação medieval se dava conta dessa enormidade. A chamada ^{ou funda} ~~origem~~ dos universais, que caracteriza a escolástica, trata dela. São "reais" as classes, ou são meros hálitos da voz? Universalia sunt realia ou sunt flatu vocis? Não pretendo acompanhar os escolásticos em suas convulsões mentais, mas quero apontá-los como precursores da filosofia da língua que são. Com efeito, sentiram que o salto entre as duas camadas que estamos considerando é um salto ontológico, que estamos saltando de uma camada de realidade para outra. Naturalmente, do meu ponto de vista não passa a pergunta "são reais os universais?" de mero barulho. É consequência de uma confusão de camadas. Dentro da sua camada os universais como "cidade", "rapaz" e "secretário" são reais, já que a língua opera com êles. Dentro de outras camadas são irrealis, já que não têm significado. Por exemplo, na frase "São Paulo fica ao norte da cidade".

Em que sentido podemos dizer que a camada coloquial secundária represente um progresso sobre a primária? Certamente não no sentido de superar ou liquidar a dificuldade que fez naufragar a camada primária. A nova camada não supera nem liquida o nome próprio, simplesmente traduz êsse nome, para re-encontrar, nessa tradução, a velha dificuldade em trajes mais elegantes. Mas no sentido de aumentar e enriquecer o território da língua. O aumento e o enriquecimento da língua é sinônimo de aumento e enriquecimento do pensamento. A nova camada linguística é uma nova dimensão do pensamento. Aliás, sugiro que êste é o único progresso produtivo do qual o pensamento é capaz. Em consequência é o único progresso do qual o homem como ser pensante é capaz. O salto de camada para camada de significado, o esforço da tradução portanto, já que acrescenta dimensões, e não somente quantidades, ao conhecimento, é o único progresso criador do homem como ser pensante. Nestes saltos, nesse progressivo afastamento do nome próprio, nesta abstração progressiva, ou, se os senhores preferem, nesse alheamento progressivo reside, ao meu ver, a dignidade do homem como ser pensante.

... assistimos a uma tendência filosófica, erroneamente identificada por
 certos com o existencialismo tout court, que se recusa, em teoria e inautenticamente, a dar o salto da camada coloquial primária para a secundária e advoga o fitar silencioso daquilo que o nome próprio pretende significar. Chama esse fitar de "vivência". Desconfio, como já disse, da autenticidade dessa corrente, porque é empreendida por intelectos localizados em camadas muito rarefeitas da língua. Mas além de desconfiar dela, considero-a indigna. Considero-a um inautêntico esforço do homem de tornar-se verme. Mas, por honestidade devo acrescentar que este meu argumento não tem validade para este tipo de pensadores inimigos do pensamento. Negarão a minha capacidade para a vivência e terão por mim um desprezo que a "vida" tem pelo "mero pensamento", desprezo este misturado, no melhor dos casos, com um sentimento de comiseração irônica. Devemos admitir honestamente que a decisão de saltar da primeira camada da língua para a segunda, ou para a chamada "vivência", é a decisão que divide os intelectos. É um divisor de águas muito mais fundamental que o divisor entre a "direita" e "esquerda" tão barulhentemente propagado pela conversa fiada da atualidade, embora deva admitir que a chamada esquerda se inclina mais em favor do pensamento, e a chamada direita em favor daquilo que chamam de vida. Com este excursão digam, ideológico pretendi iluminar um pouco a posição destas conferências dentro do cenário da atualidade e apresso-me a voltar para assuntos mais sérios, isto é à consideração das camadas da língua.

Como nas formações geológicas, é também nas camadas linguísticas a passagem da camada coloquial para camada científica separada por grossas capas, comparáveis às da pás entre o Perm e o Trias. A conversação da língua científica se distingue da coloquial por uma mudança radical de clima. O fracasso do pensamento na língua coloquial e a persistência da dúvida resulta num salto da língua comparável ao salto mutatório conhecido dos biólogos. Com efeito, a língua científica representa uma mutação da língua coloquial. Em que consiste a mutação? Na posição marginal do nome próprio na conversação científica. Na conversação coloquial cabe ao nome próprio o papel central, já que essa conversação, ou predica nomes próprios ou os submete a classes. Na conversação científica um dado nome próprio é o ponto de partida de um argumento, e a meta do argumento é a predicação total desse nome próprio em uma dada camada de significado. Mas nas frases que compõem o argumento o nome próprio não aparece. A conversação científica é uma conversação que conversa classes e classes de classes, embora a sua meta seja o nome próprio, e embora parta dele. Este fato formal tem uma consequência vivencial. O nome próprio tendo sido eliminado da discussão, desapareceu dela todo o mistério, toda a magia e todo o encanto que o nome próprio carrega consigo qual aura. Em compensação a dúvida, elevada à região fria e cristalina das classes e classes de classes, pode funcionar muito mais metódicamente, já que não encontra nomes próprios em seu caminho para espantá-la continuamente. A língua científica é o desenvolvimento metódico do pensamento ante um dado nome próprio, com a eliminação de todos espantos secundários que possam perturbar o progresso metódico do pensamento. Podemos portanto formular e responder a pergunta: Porque surgiu a camada científica da língua? Porque o pensamento, em sua frustração de predicar nomes próprios na língua coloquial, resolveu limitar sua atividade predicativa a uns poucos nomes próprios escolhidos ad hoc, e submeter esses nomes próprios escolhidos a um processo de dúvida metódica. A consequência desta resolução aparentemente trivial, e que se deu em passado relativamente recente, é de importância fundamental para o progresso do conhecimento. Portanto, que esta resolução do pensamento para a autolimitação teve um êxito tão retumbante, que estamos, hoje em dia, tentados a identificar conhecimento científico com conhecimento tout court. A eliminação do nome próprio da discussão liberou o pensamento do choque contínuo contra as barreiras da língua e permitiu que se desenvolvesse que progride em todo o brilho que lhe é próprio. Em compensação, poupando-lhe o choque, tirou-lhe aquele tremor misterioso que lhe dá profundidade. O pensamento científico é portanto muito mais rigoroso, brilhante e eficiente que o pensamento coloquial, mas muito menos profundo e significativo. Em outras palavras; nele predomina a estrutura sobre o conteúdo, a frase sobre a palavra.

Peço aos senhores que reconsiderem o que acabo de dizer. Afirmo que o pensamento científico é uma atividade linguística mais brilhante e menos profunda que o pensamento coloquial. Comparemos esta afirmação com o que estipulei a falar da multiplicidade de línguas. Estou afirmando, com efeito, que o pensamento científico é mais brilhante e menos profundo que o pensamento coloquial em toda a língua. Ora,

Afirmativa for verdadeira, devemos concluir que a camada científica de uma língua se distingue menos da camada científica de uma outra língua, que as camadas coloquiais correspondentes, já que é justamente a profundidade do pensamento que distancia as línguas. E é o que acontece com efeito. Provam-no duas observações: A tradução horizontal entre línguas é muito mais fácil nas camadas científicas^{do} que nas camadas coloquiais, e é muito mais difícil apreender a camada coloquial de uma língua nova de que a sua camada científica. Esta segunda observação merece um instante de contemplação, já que é reveladora do caráter da ciência. O intelecto empenhado na camada coloquial da língua, o intelecto portanto que não deu o salto para a camada científica, mas o qual recebe os detritos dessa camada em sua forma coloquial, acha "difícil" a ciência, e considera a língua científica um "falar difícil". Acha portanto surpreendente que o estrangeiro culto se expressa relativamente bem na camada científica, mas luta com dificuldades na camada coloquial. É que lhe escapa a profundidade, o mistério e a magia que vibram na aparente simplicidade dessa camada. Ao poliglota esta riqueza da língua coloquial é revelada por sua dificuldade de absorção, e simultaneamente é revelada, como que por contraste, a pobreza e trivialidade da língua científica. O progresso do conhecimento pode ser encarado, deste ponto de vista, como a trivialização progressiva.

O pensamento, ao traduzir-se para a camada científica, torna-se mais pobre. Isto equivale ao dizer que a realidade dentro da qual o pensamento científico funciona é mais pobre que a realidade coloquial. O mundo de ciência é um mundo relativamente pobre. E quanto mais pobre se torna, tanto mais brilhante é o pensamento que nele funciona. Brilho e riqueza do pensamento são conceitos inversamente proporcionados. Com efeito, podemos distinguir três estágios de empobrecimento, em três estágios de brilho crescente, na camada científica do pensamento. Chamarei o primeiro estágio de "ciências do espírito" (Geisteswissenschaften), o segundo estágio de ciências da vida social e individual (ciências sociais e biológicas), e o terceiro estágio de ciências da natureza morta. O mundo do espírito (Geist no sentido de Dilthey) é um mundo abstrato e pobre se comparado com o mundo da língua coloquial, mas infinitamente mais concreto e rico que o mundo da física. O mundo espiritual é um produto do esforço de abstração empreendido pelo pensamento, mas o mundo físico é um produto de um esforço de abstração infinitamente mais intenso. A realidade da sociedade, da qual tanto se fala hoje em dia, é mais abstrata que a realidade espiritual, mas muito menos abstrata que a realidade da matéria bruta, da qual tanto se falava nos séculos 18 e 19. Espírito, sociedade e natureza são subprodutos do processo linguístico, e são por ele eliminados nesta ordem de sequência. São subprodutos da tradução vertical do pensamento. São campos de conhecimento que o pensamento cria ao desdobrar a sua linguagem. Neste sentido, e neste sentido somente, são realidades. Podemos dizer, portanto, que o espírito é a realidade mais concreta e mais primitiva que o pensamento científico cria, e que a natureza é a realidade mais abstrata e mais sofisticada. Com efeito, a história destas realidades prova esta afirmativa. Para o pensamento primitivo, aquele portanto que deu o salto para a camada científica de forma tentativa, exemplificado pelo pensamento dos povos primitivos, a realidade tem caráter espiritual, para não dizer espírita e espiritista. Para o pensamento mais avançado, exemplificado pelo pensamento préclassico, a realidade tem caráter social, é uma realidade "do ut des", da recriminação e da recompensa, uma realidade a ser propiciada. Para o pensamento clássico, a realidade é biológica, como atesta a palavra grega "physis", que é "natureza", portanto aquilo que nasce. A mudança do significado da palavra "natureza", que passa a significar para nós uma realidade morta, é sintoma do surgimento da última camada científica da língua a partir do Renascimento. Ora, estas considerações seriam desnecessárias, por tão evidentes, se não assistíssemos a decadências recessivas e reacionárias, que tentam afirmar ora a realidade social, ora a biológica, ora a espiritual como realidades definitivas. Mas esta discussão toda leva-nos rapidamente para uma ontologia de língua, tema que pretendo abordar mais tarde no curso destas conferências.

Afirmar que o pensamento se torna mais brilhante, à medida que ~~se~~ empobrece. A tradução vertical resulta em brilho e rigor mais perfeito do pensamento, e esta é a sua razão de ser. A tradução vertical é sinônimo de conhecimento. A consideração das camadas científicas da língua prova essa afirmativa. O rigor e a ex

que o pensamento alcança na física nuclear, atestam a capacidade quase in-
crível inerente ao pensamento. Entretanto, atestam também a sua limitação de pro-
gredir verticalmente, per aspera ad astra. A realidade dentro da qual o pensamen-
to da física nuclear se desenvolve se tornou pobre a tal ~~grau~~ ^{ponto}, que beira ao nada.
É uma realidade de limite. Em outras palavras: a estrutura predomina sobre o con-
teúdo na língua da física nuclear a ponto de torná-la quase insignificativa, qua-
se reduzível a zero. O nome próprio está tão distante dessa camada de significa-
do a ponto de perder-se de vista. Nessa direção não podemos sequer imaginar um
novo avanço dimensional do pensamento, um novo salto da dúvida, um novo desdobrar
da língua. Nessa direção a dúvida esgotou-se. O nome próprio perdeu-se. Assim,
pela tradução vertical, a língua fechou-se em círculo vicioso. Afirmei, no iní-
cio desta ~~conferência~~, que o fitar silencioso do aquilo que o nome próprio pr^oten-
de significar, faz perder-se o nome próprio de maneira frustrante. Agora afirmo
uma perda idêntica e não menos frustrante do nome próprio pelo processo inverso.
Eis um aspecto daquele absurdo que é a língua. Mas há uma diferença entre o cur-
to circuito estabelecido no fitar silencioso, e o longo circuito estabelecido pe-
la tradução vertical: na tradução vertical surgem realidades. A tradução verti-
cal é produtiva, e embora essa produtividade não ~~seja~~ absoluta, é a única produ-
tividade aberta a nós como seres pensantes. A língua, em sua tradução vertical,
crie campos de realidade, portanto campos de atividade, e nestes campos o nosso
intelecto se realiza. Em outras palavras: a língua produz realidades para modi-
ficá-las. O pensamento é o aspecto da realidade em estado de criação, a civili-
zação é o aspecto da realidade em modificação, e ambos são aspectos da tradução
vertical, da dúvida em marcha.

Embora portanto a dúvida não possa progredir mais na direção vertical apontada
pelas camadas científicas da língua, ela pode mudar de direção e dar novo salto.
Trata-se, neste salto, de uma segunda mutação do pensamento. É uma mutação que
resulta no abandono definitivo do nome próprio e na limitação do pensamento não
mais em classes, mas em classes de classes. Embora uma mutação ^{aparentemente} pu-
ramente formal, trata-se, com efeito, de um sacrifício enorme do pensamento. Sa-
crifica conteúdo à estrutura, sacrifica portanto todo significado e toda realida-
de. O discurso nessa nova camada é portanto impossível com as palavras das ca-
madas anteriores, já que toda palavra demonstra a sua origem em um nome próprio.
Para dar este salto, o pensamento precisa recorrer a novas palavras, a novos sím-
bolos. Assim surge a camada linguística da matemática e da lógica pura. É curio-
so observar que o pensamento, já nas camadas científicas, se rebela progressiva-
mente contra o uso das palavras da camada coloquial e cria palavras que lhe são
mais apropriadas: como "gen" ou "átomo". É mais curioso ainda observar como o
pensamento nas camadas científicas escolhe, evidentemente, os símbolos matemáticos
para, como se diz, "aplicá-los". Dêste ponto de vista podemos dizer que a camada
científica da língua é intermediária entre o coloquial e o matemático, um híbrido
fracassado. A ciência seria, se considerada assim, uma língua coloquial pobre
e feia, e uma língua matemática e lógica inexata e corrompida. Embora possível,
é essa definição da ciência injusta, por não apreciar a produtividade da ciência,
da qual falei há pouco.

Lembro aos senhores que já discuti, embora superficialmente, o papel da lógica pu-
ra e da matemática no contexto da tradução horizontal. Chamei essas duas camadas
linguísticas de línguas universais flexionais. Agora estou localizando as mesmas
camadas dentro do contexto da tradução vertical. Com efeito, nessas camadas a
tradução vertical e horizontal confluem. A matemática e a lógica são a última
tradução imaginável no campo flexional, e neste sentido são o limite do nosso ti-
po de línguas, do nosso tipo de conhecimento, do nosso tipo de pensamento, do nos-
so tipo de dúvida. Reserve, portanto, a sua consideração mais profunda para con-
ferências futuras.

Resumo o tema discutido hoje: A frustração do pensamento em seu esídrço de pre-
dicar nomes próprios, nomes estes revelados no grito primordial de espanto, re-
sulta em diversos saltos, que chamei de traduções verticais, que a filosofia tra-
dicional chama de abstrações. Não considere, nesta conferência, a possibilida-
de de retraduações, de deduções, de saltos de cima para baixo. Não considere es-
sa possibilidade, porque, para mim, ela é sinónimo de pensamento reflexivo, por-
tanto de filosofia sensu lato, e de filosofia da língua sensu stricto. Afinal,
o que estava fazendo o tempo todo era justamente dar estes saltos em senso inver-
so. A sua consideração fica reservada para o final deste curso, de conferências. A
tradução vertical resulta na criação de camadas da língua, de camadas de signifi-

Tradução vertical é sinónimo de progresso de conhecimento. Camada de significado é sinónimo de dimensão de conhecimento, portanto de realidade. A última camada de significado é a camada estrutural, formal, na qual o significado se perde, o conhecimento se perde, a realidade se perde. Este é um aspecto, o aspecto formal, da absurdidade, do paradoxo que é a língua, do paradoxo que é o pensamento, da absurdidade que é a dúvida. Nessa última camada a tradução vertical e a tradução horizontal se fundem numa superação absurda da língua em sua forma flexional. E com esta consideração dou provisoriamente por encerrada a contemplação estrutural da língua, para passar a considerar o seu aspecto vivencial. Voltarei ao exposto no final, quando me esforçarei por uma síntese de aspectos.